

DANIEL LINS OU NOTAS SOBRE UM ENCONTRO INTEMPESTIVO

Marcus A. L. Lopes¹

Humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo.

Ludwig Wittgenstein

Para tentar melhor situar a importância de poder ter tido a honra de conhecer o amigo e filósofo Daniel Lins, preciso fazer um preâmbulo do momento que passei a acompanhar suas intervenções nas mais diversas searas, como grupo de estudos, mídias, aulas e outras.

Na década de 90 cursava Psicologia quando, então no quinto semestre deste curso e não muito satisfeito em relação ao modo de como a psicanálise parecia negligenciar o campo social na formação do inconsciente, perguntei a um amigo se ele não conhecia algum teórico dessa “ciência” fundada por Freud que tenha tentado conciliar as “descobertas” de seu inventor e de Lacan com alguns postulados do marxismo, uma vez que o social na perspectiva aberta por Marx parecia resguardar esse viés que eu acreditava ser necessário para se pensar mais adequadamente o

¹ Professor de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA)

inconsciente. Esse amigo, então, indicou-me *As três ecologias* de Félix Guattari. Logo se revelaram para mim outros textos desse autor, mas um deles chamou-me atenção de imediato pelo título: *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*, porém, escrito em parceria com um filósofo e professor da Universidade de Vincennes, Gilles Deleuze. Naturalmente só mais tarde descobri que a concepção teórica desses autores não primava por uma síntese entre as ideias de Marx com as de Freud e Lacan. O fato é que fui tentar ler esse escrito publicado por Deleuze e Guattari e, para minha frustração, não consegui passar das dez primeiras páginas, pela simples razão de aparecer ali uma profusão de conceitos dos quais nunca tinha ouvido falar. Porém, fui tomado pelo estilo, o que me incitou a não desistir do texto. Ainda assim, uma enorme dificuldade pairava em torno desse escrito e não poucas vezes pensei em desistir de lê-los e partir para alguma perspectiva que me fosse mais cômoda. Então um dia, um outro amigo que também tinha algum interesse nesses autores, disse-me que havia um professor que há pouco tinha chegado do exterior e que se ocupava com esses franceses, e o melhor para mim foi saber que estava com um grupo de estudos em torno dos textos desses autores. E assim conheci o professor Daniel Lins.

Há de se evocar que além de seu consistente e insistente trabalho em torno da filosofia de Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari (e de tantos outros que não cabe mencionar), não há como deixar de ressaltar a sua extrema generosidade, como amigo, professor ou orientador (ou coorientador, como foi o caso na minha pesquisa de mestrado). Acrescente-se a isso – e sei que muitos irão também sobrelevar esse aspecto – um acontecimento singular produzido pelo professor Daniel: a realização dos Simpósios Nietzsche-Deleuze e a publicação de textos destes simpósios². De maneira alguma será então exagero afirmar que com essa iniciativa de trazer para Fortaleza inúmeros pesquisadores – nacionais e internacionais - para esse evento, uma nova linha de fuga ou um novo acontecimento se produziu nesta cidade; ou ainda, não fosse esse ato político “menor” (“menor” no sentido de micropolítica) promovido pelo professor Daniel, dificilmente teríamos em tão pouco tempo a abertura para produção de novos horizontes não só para pesquisa (acadêmica), como também para outros setores não propriamente institucionalizados (movimentos folclóricos e populares, grupos de dança ou de teatro e outros).

² Não podemos esquecer a também importante colaboração para a promoção desses Simpósios outros leitores que se ocupavam há bastante tempo com Deleuze na cidade de Fortaleza, como foi o caso, por exemplo, de Sylvio Gadelha.

É claro que eu, bem antes destes acontecimentos mais ruidosos que foram os eventos, já acompanhava o professor Daniel em suas manifestações, como dito agora a pouco, seja em debate na televisão, universidade, palestras, de modo que tentava estar atento a quase tudo que me era possível, pois via ali algo diferente ou, ao menos, aquilo que era ali dito eram coisas que não estava acostumado a ouvir dentro da universidade, principalmente em relação a certos pensadores franceses contemporâneos. É verdade que no meu curso de psicologia já havia visto algo sobre Nietzsche e Foucault e que tinha apreciado muito, mas a “verdadeira” descoberta, mais propriamente com a filosofia de Deleuze – o que me afetou significativamente –, só foi possível graças aos grupos de estudos orientados pelo professor Daniel, algumas vezes em salas de aula da universidade, outras vezes em sua própria residência. Em função disso, tinha decidido que assim que terminasse o curso de psicologia iria continuar me ocupando de alguma forma com esses pensadores que se tornaram determinantes para pensar uma nova concepção de subjetividade (Nietzsche, Foucault e, mais notadamente, Deleuze).

Se os Simpósios organizados pelo professor Daniel estabeleceram, de uma vez por todas, a abertura para um “pensamento nômade” na cidade de Fortaleza, o que significou a criação de um novo possível em termos de pensamento, um outro momento tão importante quanto foi ter-me aceitado para coorientação no Mestrado de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Embora fosse uma dissertação sobre a filosofia de Nietzsche (mais especificamente, o “socratismo estético” formulado em seu período de juventude), o fato é que me ocupei bastante com vários conceitos, além do próprio Nietzsche, também de Deleuze nesta pesquisa, e a importância aqui do professor Daniel foi providencial em relação ao manejo de alguns destes conceitos. Mas preciso acrescentar duas razões principais que me levaram a convidá-lo como coorientador e assim poder participar de minha banca: primeiro foi um modo de agradecer por ter me inserido na constelação desses filósofos que hoje me são tão caros e, segundo, foi ter entendido o humor como um poderoso antídoto contra as paixões tristes que circundam o pensamento em geral. Foi então que descobri, acompanhando de perto o uso que o professor Daniel fazia desses autores quanto no seu modo de compor agenciamentos mais diversos, que o humor é um caráter filosófico *par excellence*. Mas é importante assinalar que não é um humor qualquer, fácil, banal. Às vezes pode parecer até insuportável. É porque esse humor se avizinha com aquilo que nietzscheanamente chamaríamos de “alegria trágica”.

Por isso convém lembrar, *en passant*, que essa linha de fuga criada pelo professor Daniel Lins, apesar de sua notória receptividade em alguns meios de profusão cultural, jornalístico e mesmo televisivo, ao menos na cidade de Fortaleza, não deixou por outras tantas de às vezes se defrontar com certa má vontade de alguns que se encastelavam em sua mesmice sorumbática (inclusive em certas ambiências acadêmicas). De qualquer modo, ninguém ficou incólume à “boa nova” trazida pelo professor Daniel, mesmo quando fosse o caso de criticá-lo, ainda que não se tivesse uma mínima noção do que ali estava sendo exposto. Mas se às vezes aconteceu de o *establishment* cultural de nossa cidade querer tentar conter o contágio aberto por essa linha de fuga, isso só confirmou o quanto foi providencial urgência de por “O dedo no olho”, para utilizar o belo título de um de seus livros, nos “podres poderes” que não paravam (e não param) de espernear a vida de ponta a ponta.

Finalizo sublinhando que trago sempre comigo um enorme afeto em relação ao filósofo, sociólogo, psicanalista e, se ousar dizer, amigo Daniel Lins, principalmente porque se hoje tenho por ofício a Filosofia e, principalmente, os filósofos que tomamos como aliados na luta contra a redundância, o clichê e o fascismo que teimam em empreitar-se por todos os lados dia após dia, dificilmente isso seria possível, na velocidade vertiginosa com que aconteceu, sem aquele acontecimento que apareceu, pela primeira vez, na década de 90 do século passado. Obrigado, Professor, por esse encontro intempestivo e por ter aprendido a rir de outra maneira.